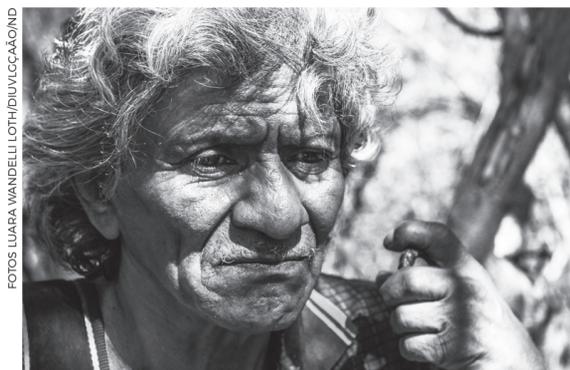


No olho do furacão



Guadalupe Contreas é um especialista em encontrar fossas e ossadas

Estudante da UFSC acompanhou voluntários em busca de corpos de desaparecidos em região do México dominada pelo tráfico

PAULO CLÓVIS SCHMITZ pc@noticiasdodia.com.br

Em 2014, quando decidiu trancar o curso de jornalismo para fazer intercâmbio e conhecer melhor a história e a rica cultura do México, a universitária Luara Wandelli Loth estava preparada para as surpresas da empreitada, mas não esperava ver-se enredada, como testemunha e protagonista, num drama que envolve centenas de famílias de uma das regiões mais pobres daquele país. Logo após sua chegada a Toluca, próximo à capital mexicana, ocorreu o desaparecimento de 43 estudantes da Escola Rural Normal de Ayotzinapa, no estado de Guerrero – episódio que ganhou o mundo e mobilizou organismos de defesa dos direitos humanos em todos os continentes.

No começo, a catarinense acompanhou as manifestações que reuniam até 200 mil estudantes na Cidade do México pedindo explicações do governo sobre o paradeiro dos normalistas. Depois, por conta da repercussão e da curiosidade que o assunto despertou, foi descobrindo uma realidade que afronta o mais frio dos observadores: os chamados “desaparecimentos forçados” são prática comum no país, que ostenta elevados níveis de corrupção, áreas de pobreza extrema e envolvimento do Estado com o crime organizado. Ali, a violência se institucionalizou e há mais de 40 homicídios por cada 100 mil habitantes – número quatro vezes maior que o do Brasil.

O intercâmbio terminou, Luara voltou ao Brasil, mas retornou ao México em 2015 para tirar a limpo muita coisa que permanecia difusa desde o ano anterior. Ficou na região conflagrada até março de 2016, morou na casa de famílias de desaparecidos, acompanhou o trabalho obstinado de voluntários para exumarem corpos enterrados – e se expôs aos riscos que representa desafiar o narcotráfico num lugar onde cada um faz suas próprias leis. O resultado desse esforço foi o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado há um mês no curso de jornalismo da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), com o título “Guerrero dos desaparecidos – Imersão em um estado de violência e ausências no México”.

Além de comer e dormir mal, Luara era vista com desconfiança por muitas famílias das vítimas, por ser estrangeira e uma espécie de intrusa num local de violência generalizada. “Tive momentos bons ruins”, ela admite. “Ficava muito tempo sozinha, e daí vinha a solidão. Tinha que voltar cedo para casa e confiar muito nas pessoas – afinal, estava na casa delas. E tinha também muito assédio”. Segundo ela, até padres e professores pagam uma espécie de imposto de guerra aos traficantes – que, por sua vez, financiam campanhas de políticos.



País encantador, Estado omissso

Estudantes protestam contra morte de colegas. Violência se institucionalizou e há mais de 40 homicídios para cada 100 mil habitantes



Eu fiz de tudo para morrer, deixei de comer, de tomar água, escondia as pastilhas para o coração no sutiã e nas meias; e fracassei, ainda continuo morrendo lentamente... Tenho que esperá-los [os filhos] viva.

María Herrera, que perdeu os quatro filhos e vive em escolta permanente do Estado.



Luara Wandelli Loth testemunhou o drama que envolve centenas de famílias. O tema virou seu trabalho de conclusão de curso

No “narcoestado” que é o México, o sequestro e o desaparecimento de pessoas são corriqueiros, mas impressiona como as famílias das vítimas, sem confiar nas forças oficiais, formam grupos de voluntários e buscam os corpos em descampados, montanhas, barrancos e baixios, expondo-se às ciladas de grupos criminosos. Um dos personagens da grande reportagem que Luara Loth acabou fazendo é Guadalupe Contreas, que se tornou referência na busca de fossas e ensina aos leigos técnicas para localizar ossadas de desaparecidos. Com Lupe, como é conhecido, Luara chegou a sair de táxi para achar as covas, mesmo com o risco de ser atacada pelos “cabrons” (safados) do crime. O taxista alertou o buscador: eles poderiam, em bando, “estuprar essa estrangeira”.

Pedreiro de profissão, Dom Lupe ganhou fama ao localizar oito corpos de policiais enterrados na região de Iguala, cidade de 140 mil habitantes onde morrem, em média, seis pessoas por dia. Ele perdeu um filho em 2012 e desde então não parou mais de abrir buracos nos dias de folga. Lupe é avô de 22 netos e mora numa casa sem reboco, mas com televisão, crucifixo, imagens sacras e fotos dos mortos da família na parede. No México, tão ruim quanto perder um familiar é não poder rezar em seu túmulo no Dia dos Mortos, ocasião de festas e religiosidade extremada num dos países mais católicos do mundo. “O país é incrível, encantador, mas o Estado é omissso”, diz Luara, que não descarta escrever um livro sobre o tema. Matéria-prima não será problema: sobram mortes, crimes, dramas humanos e dor, que é maior quando não há ideia de onde estão os corpos dos desaparecidos.



Os Outros Desaparecidos de Iguala, um dos tantos coletivos de buscas no México

Tortura e medo

O episódio do sequestro e sumiço dos estudantes da Ayotzinapa – só dois corpos foram localizados até agora – não é único e jogou luzes sobre outros eventos similares que eram pouco divulgados e até escondidos pelas famílias, temerosas da discriminação social e das represálias da bandagem. Além de uma quase rivalidade entre os buscadores de diferentes coletivos (Los Otros Desaparecidos de Iguala, Red de Enlaces Nacionales, Familias en Búsqueda María Herrera), persiste no ar a dúvida, alimentada pelas fontes oficiais, de que as mortes podem ser resultados de brigas entre gangues ou de envolvimento das vítimas com o crime. Há denúncias de torturas e de corpos queimados, as chamadas “narcomensagens” para espalhar o medo. No caso dos normalistas, depoimentos dão conta de que alguns tiveram a pele do rosto e os olhos arrancados ainda com vida.

As famílias fazem buscas na esperança de encontrar os ossos e crânios de entes queridos ou, quem sabe, na ausência de seus restos mortais, nutrir a ilusão de que estejam trabalhando como escravos do tráfico e um dia voltem para casa. Do estado de Guerrero sai a maior parte da amapola, matéria-prima da heroína, droga que atravessa a fronteira e tem milhões de consumidores em território americano. As cidades criaram polícias comunitárias, comuns em áreas de população predominantemente indígena – as mais empobrecidas, sobretudo no sul do México, onde as rebeliões zapatistas de Chiapas desestabilizaram vários governos do país.

Entre 2006 e 2015, o México triplicou os gastos com segurança – em 2015 o orçamento superou os US\$ 14,4 bilhões, mas a violência não para. As estatísticas mostram que os homicídios envolvendo o narcotráfico aumentaram 40% após a prisão ou morte de chefes de organizações criminosas. Mais de 80 mil pessoas perderam a vida de uma década para cá em vista de uma política de segurança nacional mais agressiva.

Punhalada no coração

Um ícone do sofrimento associado ao crime é María Herrera, que perdeu quatro filhos para o tráfico. Ela conseguiu a escolta permanente do Estado, mas já mudou 23 vezes de endereço para fugir das gangues que não toleram sua militância teimosa. O depoimento que deu a Luara Loth é emblemático: “Eu fiz de tudo para morrer, deixei de comer, de tomar água, escondia as pastilhas para o coração no sutiã e nas meias; e fracassei, ainda continuo morrendo lentamente. Quando faz frio, eu ponho uma lã e me sinto mal. Quando como, peço perdão, mas não deixo de comer. Tenho que esperá-los [os filhos] viva. Recentemente fui ver meus netos no nosso ‘pueblo’. Havia festa do santo padroeiro. Ouvi a música e foi como uma punhalada no coração. Quis comprar tampões para não escutar”.

“O narcotráfico é hoje uma empresa capitalista internacional como qualquer outra, considerando que parte das pessoas buscadas possivelmente mantinham algum tipo de vínculo com a delinquência”, diz Javier Monroy, um dos entrevistados de Luara, que desde 2008 busca um jovem arquiteto desaparecido quando se dirigia a um encontro político em Chilpancingo, capital do estado de Guerrero. Contextualizando a análise de Monroy, o diretor do Centro de Direitos Humanos José María Morelos y Pavón, Manoel Olivares, compara: “Antes nossos cinturões de miséria eram mão-de-obra barata para multinacionais, hoje são mão-de-obra barata para os cartéis do narcotráfico”.

No sul do México, ativistas políticos e defensores da causa indígena estão sempre na linha de tiro. Só na cidade de Iguala foram desenterrados 150 corpos, nem todos identificados. Há um grande número de viúvas com filhos pequenos porque os maridos foram assassinados ou morreram de desgosto – lá, mais que em muitos outros lugares, os homens lutam para não derramar uma lágrima em público. No entanto, escreveu Luara no TCC, há bares onde homens viris “choram depois de duas garrafas ao som de uma rancheira romântica qualquer”.